P. António Cachadinha Alves

P. António Cachadinha Alves: o homem, o padre, o secretário

Anoitecia o dia 26 de Dezembro de 2016, dia litúrgico de Santo Estêvão e segundo da oitava de Natal… Mergulhado ainda na contemplação do mistério denso, profundo e luminoso do Natal, celebrado na comunidade paroquial e no aconchego do regaço familiar, em clima de alegria e satisfação interior, eis-me abalado por uma notícia que chegou seca e gélida: "Faleceu o P. Cachadinha". Tinha 85 anos, é verdade, mas aqueles que amamos nunca envelhecem e até a sua fragilidade física procuramos iludir, na ânsia de que fiquem connosco e se perpetuem ao nosso lado.

Por uns instantes, procurei digerir a notícia e controlar a catadupa de sentimentos interiores que me percorreu de alto a baixo, mas rapidamente o abalo interior e a tristeza deram lugar ao sentimento de gratidão: a Deus, pelo dom da sua vida e do seu sacerdócio; ao P. Cachadinha, pela amizade que sempre nos dispensou e pelo serviço que prestou à Igreja, em diversas tarefas, mas sobretudo na Secretaria da Faculdade de Teologia - Braga.

As exéquias fúnebres, no dia 27, em Braga, e o funeral, no dia 28, na terra natal, foram os sinais mais eloquentes da sua grandeza e do carinho e respeito que milhares de pessoas nutriam por este homem e sacerdote que granjeou amizades acolhendo, escutando e servindo.

Queremos agora recordá-lo ("recordar" significa literalmente "trazer ao coração" e é a melhor forma de exprimir a gratidão) e dele fazer memória, em três momentos: o homem, o padre, o secretário.

1. O (menino que se tornou) homem

Nasceu a 18 de Julho de 1931, em S. João Baptista de Nogueira, Viana do Castelo. Filho de Domingos Alves e de Beatriz Gonçalves Cachadinha, de quem já tinha nascido a Maria da Piedade, falecida em 2007, e o José, também ele sacerdote e ainda vivo.

Na fonte batismal, foi-lhe dado o nome – António –, mergulhou na filiação divina e na fé da Igreja. No seio da família de sangue e da comunidade crente, aprendeu a colocar Deus nos lábios e o coração em Deus.

Feita a escola preparatória e a catequese, em que se manifestou como aluno inteligente e perspicaz, rumou a Braga, ao Seminário Menor, onde já se encontrava o seu irmão José. Aí cresceu nas virtudes humanas, na ciência e na espiritualidade: sentado à secretária, a indagar os mistérios do mundo; e ajoelhado nos bancos da capela, a meditar e contemplar os mistérios de Deus. Fê-lo com empenho e rigor e assim, ao longo de doze anos, o menino cresceu e tornou-se homem. Neste caso, como em todos, "o menino é o pai do homem" (Fernando Sabrino).

2. O (homem que foi ordenado) padre

Homem feito, sem deixar de ser ainda menino ("todo o homem traz dentro de si o menino que foi" [Antoine de Saint-Exupéry]), foi ordenado padre, no dia 15 de Agosto de 1954, com a tenra idade de 23 anos. "Tomado de entre os homens e constituído em favor dos homens" (Hb 5, 1), a 6 de Outubro desse mesmo ano, começou a trabalhar na função para que fora nomeado: membro da equipa formadora do Seminário Conciliar de Braga, onde viria a assumir as funções de secretário.

Com a criação do Instituto Superior de Teologia de Braga, que em 1989 passou a Faculdade, tornou-se secretário das duas instituições até à altura em que o Seminário Conciliar deixou o edifício da Rua de Santa Margarida e se instalou em Santiago. A partir desse momento, passou a ser somente Secretário da Faculdade de Teologia, cargo que desempenhou com enorme dedicação.

Para além deste serviço, de si exigente e absorvente, o Padre Cachadinha foi, durante muitos anos, Capelão das Servas de Jesus da Caridade que, na altura, tinham casa na Rua de Santa Margarida. Foi também professor de História Universal, no Seminário Menor. Conheci-o aí, pelos remotos anos de 1981-1983, em que o tive como professor e nele pude apreciar como o autodidata se transforma em mestre, mediante o estudo e o modo apaixonado como comunica aquilo que sabe aos seus alunos.

Cuidava da Capela da Faculdade de Teologia, onde diariamente celebrava, com a dedicação e o carinho que caracteriza os homens das grandes causas e os crentes zelosos da casa de Deus.

Homem discreto, não evitou a visibilidade a que o expunham as suas qualidades. Por isso, a determinada altura, fizeram-no Monsenhor, mesmo contra a sua vontade. Tanto quanto sabemos, nunca quis ser investido como tal e, na sua simplicidade e humildade sinceras, nunca quis ser assim tratado.

Quase não havia fim de semana que ele não rumasse à sua terra de origem para estar com a família (a Maria da Piedade, seus filhos, netos e bisnetos), com quem partilhava o teto do seu lar natal e mantinha fortes laços afectivos. Disse-nos o Carlos Alberto, seu sobrinho e afilhado, que "teve com a sua irmã uma extraordinária relação de proximidade, ditada não só pela sua condição de padre, mas também pela terrível circunstância de uma perda de dois filhos, um ainda criança e outro um jovem vigoroso, acrescida de uma precoce viuvez a ter transformado numa mulher com dor entranhada e carente de afetos e que ele, com a sua resiliente disponibilidade, constante apoio e palavra de conforto, sabiamente conseguiu atenuar. A sua partida, há dez anos, foi para ele um duro golpe".

Sempre consciente da sua identidade e missão, não dava tréguas às ocupações nem se entregava à ociosidade, mas ajudava o seu pároco e outros que, no meio das imensas solicitações das atividades pastorais, reclamavam a sua ajuda. Fazia-o com zelo e alegria, movido por um enorme espírito de serviço e dedicação ao povo de Deus e aos colegas sacerdotes.

Na deslocação de Braga para Viana, passava sempre por Ponte de Lima, onde se detinha a apreciar os seus jardins e a contemplar o rio. Muitas vezes me confidenciou que esta era para si uma forma de descansar e um outro modo de rezar.

3. O (padre que exerceu o seu ministério como) secretário

Foi o cargo de Secretário do Seminário, primeiro, e da Faculdade de Teologia, depois, que lhe deu maior visibilidade e proximidade com milhares de alunos com quem lidou, de quem ficou amigo e de alguns até conselheiro e confidente.

Nestas suas funções, destacou-se por motivos diversos: profissional sério, amigo fiel e dedicado, confidente sigiloso.

Como profissional, entregava-se à causa da Faculdade de Teologia, pela qual sempre lutou, de forma abnegada. Era vê-lo, para além do horário, a estabelecer contactos, a organizar processos e a despachar documentos. Possuidor de uma memória prodigiosa, conhecia os dossiers em profundidade e falava deles com precisão, servindo-se de anotações que lhe avivavam a memória. Era um funcionário sério, competente e trabalhador, atributos que todos lhe reconheciam.

Além disso, era um amigo fiel e dedicado com quem se podia contar. Atento aos problemas, dava o seu contributo no sentido de lhes encontrar a resolução. Por vezes, dava a ideia de que gostava de por à prova quem dele se aproximava em busca de uma solução. Todos os que lhe conheciam o temperamento sabiam

que, por detrás de um dia ou momento menos bons, se escondia e revelava um enorme coração.

São diversos os alunos que testemunham a sua atenção para casos de dificuldade: quantos donativos que chegavam ao Seminário ou à Faculdade ele encaminhou para alunos que, por motivos diversos, passavam por dificuldades económicas!

Conhecia os sacerdotes, os alunos e ex-alunos da Faculdade de Teologia pelo nome e até pelo ano do curso. Tinha para com todos uma palavra de estímulo, onde manifestava estar bem informado dos problemas e sucessos de cada um. Quando era necessário, não deixava de corrigir, de modo claro e preciso, alguma situação que ele entendesse não estar a ser bem orientada. Não se furtava a alguma intervenção crítica quando percebia, na sua lucidez e vetusta sabedoria, que as coisas não estavam bem.

No meio de tantos afazeres, arranjava sempre tempo para escutar e orientar. Foi confidente sigiloso de muitos a quem estimulou e incentivou a percorrer os melhores caminhos. Mantinha as portas sempre abertas para acolher, muito para além da hora e da multiplicidade de tarefas que, por missão, tinha entre mãos.

Fazia muito bem a ponte entre alunos e professores, entre a Direção e os funcionários. Geria os conflitos e as tensões com mestria e sensibilidade, endereçando uma palavra reconciliadora e dando tempo ao tempo.

Atento e perspicaz, gostava muito de estar atualizado. No pouco tempo que lhe sobrava das suas lides profissionais, entregava-se à oração e à leitura. Temas de história e da atualidade eram o seu prato preferido.

A sua partida deixa-nos a todos mais pobres, mas as suas qualidades, a sua forma de estar e os seus ensinamentos contribuíram – e muito! – para o enriquecimento humano, cultural e espiritual de todos nós. Agradecidos, pedimos a Deus que o recompense no reino da luz e da paz.

João Alberto Sousa Correia